WWW.CONTEUDOJURIDICO.COM.BR

PUC – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO PARANÁ

ANALICE ARALI

SENTIMENTOS: Um estudo psicopatológico aplicado ao caso Richtofen

Curitiba
2010

ANALICE ARALI

SENTIMENTOS: Um estudo psicopatológico aplicado ao caso Richtofen

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Jurídica, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção de Título de Especialista.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Mari Ângela Oliveira
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Orientador

Prof. Ms, Maria Cristina Neiva de Carvalho
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Examinador

Nota da monografia: _____

Curitiba, ___ de _____ de 2010

Àquele que proporcionou momentos de sabedoria, conhecimento, afeto e guardo na lembrança como um exemplo de vida e segundo pai.

Vanderlei Bottazzari Sobrinho (*tio*)

In memorian

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado forças e sabedoria para chegar até aqui.

À Denise Ferraz de Aguiar Secretária da Assistência Social pela compreensão nos momentos em que estive ausente no trabalho e apoio para a conclusão do curso, como de suma importância à minha formação acadêmica e profissional.

Aos meus pais que me ajudaram e acreditaram em mim.

E aos responsáveis pela transmissão do conhecimento, meus professores.

Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe, será
punido de morte
Antigo Testamento
(Exo. 21:17, Mar. 7:10)

Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias
se prolonguem sobre a Terra

RESUMO

O presente trabalho considera a congruência entre os pressupostos da violência e a perversidade, presente no comportamento de algumas pessoas que dela fazem uso, bem como a ausência de sentimento de culpa e arrependimento quando de suas atitudes reprováveis socialmente. Desta feita a justificativa que se apresenta ao desenvolvimento do estudo esteve pautada no interesse do pesquisador em estudar o caso Von Richtofen, bem como evidenciar as razões que conduziram ao crime, tendo em vista que não se pode afirmar que Suzane se enquadre enquanto psicopata. Para tanto fez-se necessário discorrer acerca de alguns temas que interrelacionam, como o caso, da violência, comportamento agresivo, estruturas clínicas: neurose e psicose, psicopatia e aplicação destes conhecimentos ao caso Von Richtofen. Constitui-se enquanto objeto do presente trabalho identificar, a partir de um estudo de caso, se a antagonista do Caso Von Richtofen apresenta traços característicos da personalidade psicopática, bem como desconstruir o caráter fantasioso que se confere ao caso Richtofen tanto por parte do criminoso como das pessoas que por este tema se interessa. A referência metodológica esteve fundada na pesquisa bibliográfica a partir da teoria de Freud, Vilhena, Winnicott, Casoy entre outros interessados no tema, possibilitando, assim, a construção de um referencial teórico pautado nas questões levantadas.

Palavras-chave: Violência. Comportamento agressivo. Psicopatia. Caso Von Richtofen.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

1 VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE: CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE CRIMINOSA 10
1.1 ASPECTOS TEÓRICOS QUE ABORDAM A VIOLÊNCIA E A AGRESSIVIDADE 11
1.1.1 COMPORTAMENTO AGRESSIVO 17
1.1.1. CAUSAS DA AGRESSIVIDADE 20

2 CONCEPÇÃO HISTÓRICA DA PERSONALIDADE CRIMINOSA: DESAJUSTAMENTO SOCIAL 24
2.1 EM BUSCA DA ORIGEM DO DESAJUSTAMENTO SOCIAL 24
2.2 NEUROSE E PSICOSE: CONSTITUIÇÃO DO COMPORTAMENTO DESVIANTE 27
2.2.1 ESTRUTURAS CLÍNICAS: NEUROSE E PSICOSE 28
2.2.2 RAZÃO E DESRAZÃO: CONFLITOS EXISTENCIAIS 29

3 A CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE PERVERSA 34
3.1 CAUSAS DA SOCIOPATIA: CÉREBROS DOENTES 38
3. 2 O COMPORTAMENTO PERVERSO 40
3.1.1 A VIOLAÇÃO DO SEXTO E QUINTO MANDAMENTO 41
3.1.1.1 O CASO RICHTOFEN 41
3.1.1.2 PERFIL CRIMINOSO: SUZANE E ARQUÉTIPO DA MENTE PERIGOS 43

CONSIDERAÇÕES FINAIS 48

REFERÊNCIAS 50

ANEXOS 53

INTRODUÇÃO

Ainda que a violência esteve contemplada no interior das relações sociais e percebida por alguns como natural - não apenas no mundo animal como também humano, o certo é que mesmo que de forma contraditória ela nunca deixou de ser um elemento importantes na educação e formação das gerações mais novas, a ser combatido sob a idéia da cultura de paz. Não surpreende, portanto que ela ainda hoje encontra-se no rol do que deve ser reprovável e repudiado socialmente.

No entanto o que desperta particular atenção é que tempos atrás ela estava enquadrada no grupo das exceções, uma vez que traduzia-se em transgressão de regras, normas e leis já aceitas por um dado grupo. Mas atualmente tem se observado que aquilo que era tido como a exceção, para muitos tem sido jogada ao léu, quando vista sob o prisma da banalização da violência e a conseqüente perda do sentimento de humanidade.

Um dos exemplos mais recentes acerca do que se pretende aludir é o Caso Von Richtofen, que tem figurado nas capas de jornais, revistas e noticiários tem trazido em primeira mão a atitude sanguinária e de frieza de Suzane frente ao assassinato dos pais por ela arquitetado, junto ao apoio do namorado e cunhado. Comportamento este justificado por conta dos pais considerarem inviável e inadmissível seu namoro com um jovem de classe social que não fosse abastada como a dela.

Diante destas questões o elemento primeiro que justificou a escolha do tema e elaboração do presente estudo consistiu no interesse particular do pesquisador sobre o Caso Von Richtofen em procurar entender e evidenciar as razões que conduziram ao crime, dado que não se pode afirmar claramente que Suzane seja uma psicopata.

Assim procurou-se ao longo das próximas páginas conhecer os elementos que compõem o quadro da personalidade psicopática e se a réu se enquadrada como tal ao perfil delineado por pesquisadores das áreas da psicologia, psiquiatria e neurologia.

Desta feita ao longo do estudo buscou-se, compreender e refletir de maneira cuidadosa acerca de como se constitui a personalidade criminosa e psicopática, de modo a identificar se a antagonista do Caso Von Richtofen apresenta

um quadro clínico atrelado a teoria “psicopática”, segundo algumas abordagens da psicologia.

Para essa busca fez-se necessária a consulta em um considerável acervo bibliográfico, que subsidiasse a elaboração do estudo em questão, à caminho de um entendimento mais acertado sobre o tema psicopatia, para então focar a atenção na obra de Ilana Casoy em que abordou a reconstituição do crime – ao acompanhar dos bastidores a investigação dos passos que conduziram a esse crime hediondo, perpassando pela execução do crime até o momento em que se deu a confissão final dos responsáveis pelo crime, que em pouco mais de uma semana passaram de vítimas a acusados. Nestes termos o presente trabalho foi subdividido por breves capítulos, para fins de abordar com maior precisão as questões que envolvem a personalidade psicopática.

No capítulo primeiro buscou-se esclarecer a diferença entre os termos violência e agressividade enquanto parte das relações sociais, bem como delinear ainda que brevemente a história da personalidade criminosa e conhecer minimamente por que acontecem os desvios de conduta.

O segundo capítulo desdobrou-se a partir da explanação do que se entende por estruturas clínicas, como elas se formam e o que acarreta no comportamento do indivíduo quando estas são comprometidas.

Ao terceiro capítulo reservou-se a descrição do Caso Von Richtofen e a caminhada investigativa acerca da possibilidade da ré enquandrar-se ao perfil psicopático.

Dada a tendência do ser humano de julgar sem antes ter conhecimento de causa e propriedade do que se pretende argumentar, redobraram-se os cuidados do pesquisador a fim não expressar opiniões particulares de modo que a qualidade do estudo não fosse comprometida, e este pudesse estar livre de uma visão tendenciosa, antes alicerçada no que os teóricos tem produzido a respeito do caso em questão.

1 VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE: CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE CRIMINOSA

Se atentarmos para o tempo de existência da história da humanidade podemos observar que esta tem caminhado no sentido da busca de seus ideiais e atendimento de suas necessidades. Logo para que tal empreitada fosse possível o homem teve que enfrentar às ostilidades do meio e suas intempéries, para os quais submeteu às suas vontades e caprichos um sem par de seus semelhantes, através de práticas de dominação marcadas pela violência física, verbal ou psicológica, o que eufemisticamente se convencionou chamar de evolução e superação de barreiras e desafios.

Embora alguns insistam em afirmar que a violência se caracterize enquanto mola propulsora do desenvolvimento, esta forma de pensamento porém não deixou de ser “combatida” ao longo dos séculos por aqueles que percebem-na enquanto forma equivocada de resolução de conflitos.

Todavia tem se observado que de modo geral temos perdido parte considerável de nossa capacidade de indignação e caráter de espanto acerca da surrealidade de certos acontecimentos presente nas relações sociais gerados pela violência, como se estivéssemos passado por um processo anestésico e que nos fizesse imune ao que vem de fora. Dada a forma corriqueira em que assuntos referentes a violência tem sido abordada pelos noticiários, manchetes de revistas e jornais que tem trazido casos de indivíduos que arquitetam a morte de outrem, põe-na em prática e lidam com as suas conseqüências de forma calculista e desprovida de sentimento de culpa.

Vê-se que estaríamos às portas do caos, não fosse as réstias de inquietação das várias ciências sociais e humanas, em repensar a banalização da violência e o sentimento de humanidade.

Por esta via é que insistimos na idéia de que vivemos em tempos onde os ideais de homem têm sido descartados da “velha cartilha” que primava pela sadia convivência em grupo, ao passo que a “dramatização do crime” tem sido alimentada pela mídia, que tem se ocupado - sob a roupagem da “informação”, em levar seus telespectadores à insensibilização e perda da indignação dada a freqüência e a forma como mostra os dramas sociais antes reproáveis e

inadmissíveis. O que se nota é que prevalece a tendência do homem de ambientar-se às coisas boas ou ruins e tornamo-nos:

> [...] espectadores apáticos e distantes do palco feroz de um segmento marginal cada dia crescente em todas as cidades do Brasil. Prova disso é que a cada um de nós é constantemente mais difícil citar e recordar qual o crime gravíssimo foi praticado ontem, na última semana ou no mês passado. (ANDRADE, 2008, p.02).

Desta feita, certas questões levam-nos a refletir acerca do mais recente paradoxo existencial, a famigerada evolução do homem versus a desumanização do semelhante, isto por entender que vimos caminhando rumo a um processo civilizatório em busca da melhoria da qualidade de vida, resultada da insatisfação humana enquanto elemento mobilizador do desenvolvimento social. Quando na verdade nos deparamos com o desmantelamento dos valores correlatos a boa convivência em sociedade, ou seja, o sentimento de humanidade.

Estas pontuações conforme se nota são desencadeadas pelas práticas de violência, comportamento agressivo e perfil criminoso, o que a nosso ver merece cuidado e atenção particular.

1.1 Aspectos Teóricos que Abordam a Violência e a Agressividade

Conforme mencionado anteriormente ao longo das próximas linhas pretende-se realizar uma leitura atenta acerca do que se entende por violência e agressividade, segundo o ponto de vista de vários pesquisadores. Entretanto cabe destacar que o objetivo em questão é compreender o que cada uma delas representa entre os grupos humanos e por que acontecem, visto que em dado momento haverá divergência de opiniões dos pesquisadores acerca de “qual delas foi gerada primeiro”: a violência ou a agressão.

Ao retrocedermos no tempo ainda que brevemente, verifica que é de longa data a presença da violência no seio da sociedade. É sabido inclusive que fora justificada e em certa medida socialmente aceita, principalmente quando respaldada pelos vieses do discurso político, econômico e religioso, ao ser propagada sob

diferentes formas, seja pela guerra, pelo regime escravista ou pela preservação da honra do *pater familia*.

Fica evidente, portanto certa "aceitação" da prática e do emprego da violência entre os grupos sociais, conforme nos faz saber Dadoun (*apud* BATISTA, 1999, p.1), pois

> [...] considera a violência característica primordial, essencial, constitutiva do ser do homem. Para além de uma concepção eruptiva da violência como algo que explode, de forma repentina e imprevisível, e que se coloca do lado do desvario, do absurdo, da loucura [...]

Diante do exposto nascem os primeiros conflitos de idéias pois para o autor citado, todos os aspectos da realidade humana encontram-se associados à violência enquanto elemento estruturante das sociedades.

Como bem colocam Vilhena e Maia (2002, p.32)

> a questão da agressividade no ser humano suscita, desde Freud, uma situação paradoxal: todos admitem que a agressividade – tomada aqui em seu sentido mais lato, quase que sinônimo de destrutividade e violência – existe no ser humano, mas custam a admiti-lo e a estudá-la como algo inerente ao mesmo.

Desta forma pode-se inferir que para Sigmund Freud, "[...] a agressão é um instinto, considerado como impulso inato do organismo e que representa uma ligação entre o corpo e a alma" (QUEIROZ; LOURENÇO, 2007, p.3). E ainda chama-nos à realidade, de que "[...] é pois um princípio geral que os conflitos de interesses entre os homens são resolvidos pelo uso da violência. É isto que se passa em todo o reino animal, do qual o homem não tem motivo por que se excluir" (apud VILHENA; MAIA, p.32).

Em concordância com Freud, Chauí (1980) declara ser um mito a idéia de que vivemos em "[...] uma sociedade não violenta, cordial e sem preconceitos, com episódios violentos, sempre referidos a mecanismos de exclusão social [...]" (apud VILHENA; MAIA, p.29).

Assim entendida a violência é para os autores como que puramente biológica, já que inerente à formação do ser humano dada a constante presença no interior das relações sociais ligada aos seus instintos mais primitivos.

Sob os protestos da sociologia, vale ressaltar que, ainda que não seja possível negar ou descartar que a competitividade e a ambição têm

acompanhado o desenvolvimento humano e social desde os primórdios da história, e que torna por integrar de fato a formação da personalidade humana, o que tem se observado é que estas têm sido reforçadas através do apelo ideológico da mídia como indispensáveis à realização pessoal, que quando não satisfeitas geram atitudes violentas entre os grupos humanos (ASSIS; OLIVA, 2007, p.1).

Como bem coloca Moreira et al. (2009, p.685) "[...] aceitar uma agressividade constitutiva da subjetividade não é, portanto, algo simples e fácil, e pode parecer um absurdo ter de se admitir tal verdade".

Os mesmo autores ainda dirão que

> Essa banalização da violência é, talvez, um dos aliados mais fortes de sua perpetuação. A resignação de que somos "instintivamente violentos" faz com que o homem se curve a uma inexorabilidade igual à da morte. Faz dela seu "destino biológico" ou o princípio e o fim de seu destino psíquico, social ou cultural. (MOREIRA et al., 2009, p.681)

Diante das colocações não poderia ser mais oportuno que delinear uma breve diferenciação entre os termos violência e agressividade dada a complexidade da discussão por elas gerada, temáticas que vem sendo debatidas desde os primórdios da psicologia. Assim buscou-se conhecer o entendimento de alguns pesquisadores que tem-nas como objeto de seus estudos, bem como traçar apontamentos que possam distingui-los de modo que não mais sejam empregados de forma indiscriminada, ou seja, como sinônimos.

Para a Organização Mundial de Saúde - OMS, a definição do termo violência aparece como:

> uso real intencional ou a ameaça do uso de força física ou do poder, contra si mesmo, contra o outro ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou determina a possibilidade de lesão, morte, dano psicológico, privação ou prejuízo de desenvolvimento (NICOLETTI, 2006, p.9).

Araújo traça linha de raciocínio semelhante ao apontar a violência enquanto "fenômeno representado por ações Humanas, realizados por indivíduos, grupos, classes, nações, numa dinâmica de relações, ocasionando danos físicos, emocionais, morais e espirituais a outrem" (2004, p.4), o que pode ser resumido ou associado aos seguintes termos: força, potência, energia e poder, uma vez que implica na submissão à vontade e interesses de outro.

Felipe compreende a violência, antes como “[...] uma série de atos praticados de modo progressivo com o intuito de forçar o outro a abandonar o seu espaço constituído e a preservação da sua identidade como sujeito das relações econômicas, políticas, éticas, religiosas e eróticas [...]” (apud PHILIPPI, 1996, p.2). Em outros termos é por meio do ato violento, que um dos sujeitos se ocupa em cercear definitivamente, os suportes da identidade do outro, desde os movimentos do desejo, da autonomia e da liberdade.

De acordo com Costa (apud VILHENA, 2002, p.35) a explicação da violência está no “[...] o desejo de causar mal, humilhar, fazer sofrer o outro. O ato violento porta a marca de um desejo, o emprego deliberado da agressividade”, ou ainda, uma agressão premeditada, sistemática e por vezes mortal de um indivíduo ou grupo sobre outro.

De modo geral pode-se afirmar que para os autores a violência corresponde a um ato intencional firmado pelo desejo, vontade, manipulação e habilidade de influenciar o outro segundo seus interesses. Vista sob este ângulo a violência toma distância da concepção biológica de que é instintiva puramente irracional e assume ares de racionalidade já que marcados por intenção e escolha.

Desta feita não poderia ser mais acertada a colocação de Hanna Arendt (1973) ao proferir as seguintes palavras: “O argumento biológico sobre a natureza da violência é inconsistente porque baseia-se na questionável premissa de que a violência é produto da conduta humana movida pelo instinto e não pela razão” (MOREIRA et al., 2009, p.681). Nesse sentido não é possível creditar à violência o excesso de “emotividade” nem mesmo dissociá-la da razão, uma vez que “o ato calculado de violência não dispensa a razão – ao contrário, solicita-a” (MOREIRA et al., 2009, p.681).

Não admira, portanto que ao ser definida ou percebida dessa maneira, a violência só pode ser encontrada entre nós - seres humanos, isto por entender que os animais não são dotados da capacidade de planejar, ou melhor, premeditar a execução de suas ações e comportamentos, características estas que sempre os colocou à parte do grupo dos seres racionais.

Assim tem-se a distinção “justificável” da violência para um e outro grupo: entre os animais esse processo de enfrentamento e disputa desenvolve-se de forma natural e instintiva, enquanto que entre os homens acontece a partir da escolha, da intencionalidade. Todavia importa ressaltar que se bem pensada a ação

racional por valor materializa-se de forma totalmente irracional, como se ouve dizer comumente que “fulano perdeu a razão ao agir desta ou daquela forma”.

Contudo o que desencadeia o agravamento desta questão é quando o valor que se defendia no momento impetuoso torna-se mais que absoluto. Vale pontuar que consequentemente, quanto mais exclusivo e absoluto for esse valor menos o agente “controla” o irracional e mais facilmente se debanda para o âmbito da violência.

Costa (ano, p.) ainda nos apresenta outra importante contribuição acerca da diferença entre violência e agressividade ao afirmar que

> A violência constituir-se-ia em um emprego deliberado da agressividade a um objeto, ou seja, não apenas é preciso que haja uma intencionalidade para praticar a violência, mas também se pode afirmar que a violência é a agressividade utilizada para fins destrutivos.

Em tempo define-se o termo agressividade para que seja dada seqüência à distinção entre violência, que compromete-mo-nos a delinear anteriormente.

No que diz respeito à agressividade Sarold (apud OLIVEIRA, 2010, p.46) aponta que há muito que “[...] luta-se contra a idéia de que haja um impulso maligno no homem, de que ele possa orientar-se para outra direção que não seja a do bem – o seu e o dos outros”, apesar de que Freud também tenha tocado

> [...] na questão da moralidade humana ao falar da existência da pulsão de morte, da pura destrutividade que concorre com as forças “construtivas” do aparelho psíquico. A existência deste impulso à destruição nos permitiria falar numa espécie de malignidade constitutiva do ser humano [...]. (id)

Laplanche (1981, p15), pontua a agressividade seguindo a mesma linha quando afirma ser uma: “Tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em condutas reais ou fantasmáticas, dirigidas para danificar a outro, a destruí-lo, a contrariá-lo, a humilhá-lo, etc”.

Sobre esta questão Freud foi bastante categórico quando dizia que o homem é essencialmente violento, a ponto de chegar a afirmar sem meias palavras que aquele comportamento integrava a natureza humana. Tanto é firme e adepto da idéia que questiona a aceitação desta pela sociedade: “Por que necessitamos de tempo tão longo para nos decidirmos a reconhecer um instinto agressivo? Por que

hesitamos em utilizarmos, em benefício de nossa teoria, de fatos que eram óbvios e familiares a todos?" (VILHENA; MAIA, 2002, p.31).

Sob este prisma não espanta que a questão da agressividade no ser humano tenha suscitado desde Freud, tamanhos paradoxos, dada que fora tomada por grande parte das pessoas praticamente como sinônimo de destrutividade e violência.

Holtz (2007, p.1), também faz menção à agressividade e aponta tratar-se de "[...] uma qualidade natural, humana ou animal, que tem a função de defesa diante dos perigos enfrentados e dos ataques recebidos", porém alerta que a agressividade desequilibrada, se materializa como uma "[...] reação ao **sentimento interior de frustração**, de carência, de incapacidade de amar, que **desencadeia comportamentos destrutivos,** diante da privação ou impossibilidade de satisfazer nossas necessidades naturais e atingir nossas motivações".

Arendt faz alusão à idéia da violência negativa, já que esta "[...] pressupõe sempre uma intencionalidade do sujeito, no sentido de desqualificar o valor do outro, anulando este outro enquanto sujeito [...]" (apud OLIVEIRA*,* 2010, p.47). A agressividade por sua vez passa a ser constitutiva e ser inscrita em um processo de subjetivação, uma vez que seu movimento ajuda a organizar o labirinto identificatório de cada sujeito, (apud VILHENA, MAIA, 2002, p.41). Para as referidas autoras a agressividade, encontra-se inscrita no seio do processo de construção da subjetividade, onde acontece um movimento que ajuda a organizar o labirinto identificatório de cada sujeito, ou seja, atribui, portanto à ela uma dimensão criadora.

Do mesmo modo que a autora supracitada, Nicoletti (2006, p.9), ao distinguir o comportamento violento do agressivo, afirma que o primeiro é um comportamento assumido intencionalmente, ou seja, depende de uma escolha, enquanto que o outro mantém estrita ligação referente à natureza do humano, que pode ser comparada "[...] com uma fonte de energia que, adequadamente usada, serve para manter altos níveis de dispêndio de energia, na busca por ideais, metas, objetivos".

Todavia para lidar com a agressividade sob este prisma, exige-se do indivíduo um alto nível de discernimento há ser alcançado, possivelmente numa outra realidade que não a atual, a contar que o cotidiano tem mostrado o crescimento desenfreado de pessoas independente da faixa etária que tem recorrido ao apoio psicoterapêutico para fins de tratar de suas mazelas existenciais.

Em contrapartida há que se considerar ainda o grupo dos acreditam na aprendizagem da agressão como é o caso dos autores Scott (1958) e Storr (1976) que

> defendem que não existe nenhuma necessidade para a manifestação do comportamento agressivo. Não existe prova fisiológica para lutar originária do próprio corpo, a maneira como um animal ou homem se comportará depende de como foi criado ou estimulado [...] (apud QUEIROZ E LOURENÇO (2007, p. 6).

Em linhas gerais as definições apresentadas anteriormente permitem evidenciar certa aproximação ao compartilhar da idéia de que a forma violenta de se comportar é motivada por uma opção, enquanto que a agressividade, encontra-se fundada no caráter constitutivo da subjetividade humana.

Para Howell (1997) (apud QUEIROZ; LOURENÇO, 2007, p.3), não há um consenso significativo sobre a natureza da agressividade, se inata ou adquirida, nem mesmo sobre a sua finalidade, se defensiva ou destrutiva. Embora seja de extrema importância tecer reflexões sobre o antogonismo evidenciado pelas correntes de pensamento inatistas e ambientalistas, mais importa saber que o que vale é a preocupação acerca do que antes era tido como exceção e atualmente vem e tornando a regra, num ritmo cada vez mais acelerado e presentes em nosso cotidiano.

Todavia ainda que estes comportamentos sempre estiveram presentes na sociedade o agravamento destas questões tem imposto sobre nós a necessidade de questionar visto que o seu desequilíbrio, pode gerar um ambiente doentio, comumente desacompanhado de sentimento de culpa ou medo, como já vem acontecendo, além de extravasar-se em ausência de emoções, impulsividade, estresse, tristezas, ressentimentos, mágoas, inseguranças e tensão.

1.1.1 COMPORTAMENTO AGRESSIVO

Apesar de vários autores e entendidos da temática violência e comportamento humano argumentarem em defesa do comportamento agressivo como sendo próprio da espécie humana, faz-se necessário uma leitura mais atenta,

a saber, que este se desdobra em múltiplas configurações. Como também não se pode colocar a parte simplesmente os que percebem-na como algo aprendido no meio de convivência.

É notório que a questão da violência e da agressividade tem se tornado objeto de cuidado e preocupação de um conjunto de pessoas seja no âmbito formal como no informal, pois, independente do meio em que se dá tal reflexão o que importa é que os motivos por que tem despertado a atenção e cuidados são praticamente os mesmos: a busca pelas razões que tem gerado o agravamento do comportamento agressivo, mormente entre as gerações mais novas, bem como, as práticas de intolerância entre as pessoas.

> A agressividade é sempre um tema da atualidade, especialmente a agressividade juvenil, atualmente relacionada às ações das gangues, dos franco-atiradores de escolas, dos queimadores de mendigos, dos homicidas de grupos étnicos, ou simplesmente dos agressivos intrafamiliares (BALLONE, 2004, p.1)

Tanto é que, vários são os debates e discussões acerca da redução da maioridade penal, de 18 anos para 16 anos de idade, dada a constância de crimes bárbaros cometidos por jovens de diversas idades e classes sociais, como bem colocam Queiroz e Lourenço (2007, p.2).

Ballone (2004, p.1) e Vilhena (2002, p.29) compartilham a mesma idéia e nos desperta quanto à importância de desconstruirmos a concepção equivocada e preconceituosa de que a violência infanto-juvenil restringe-se às classes menos favorecidas da sociedade, visto que tais práticas têm sido mais comuns do que se acredita e inclusive mostrada pela mídia

> Em abril de 1997 cinco rapazes, adolescentes, em Brasília, atearam fogo em um “suposto mendigo”, mais tarde identificado como índio Galdino. O episódio ficou conhecido como a morte do índio pataxó. Os rapazes colocaram uma mistura de material inflamável sobre o índio que dormia e nele atearam fogo. O índio acordou com o corpo em chamas e gritou por socorro, sendo levado ao hospital com graves queimaduras. No dia seguinte, veio a falecer. Os rapazes, reconhecidos e presos, apresentaram como justificativa, os seguintes argumentos: “não sabíamos que era um índio” e “pensamos que fosse um mendigo” (VILHENA, 2002, p.29).

Outro episódio não mais cruel que o primeiro aconteceu

> Em outubro de 2002, em Porto Seguro, quatro rapazes, coincidentemente também moradores de Brasília, espancaram até a morte o garçom de um restaurante, porque este havia solicitado aos mesmos que desocupassem a mesa, uma vez que nada estavam consumindo no restaurante. (VILHENA, 2002, p.29).

Um terceiro acontecimento memorável que também acontecera no mês de outubro deste mesmo ano, reporta-nos ao assassinato do casal Richthofen, que contou com a participação de Suzane Von Richthofen, uma jovem de dezenove anos e estudante de Direito, filha do casal, junto a Daniel Cravinhos, que na época era seu namorado e Cristian Cravinhos, irmão de Daniel. Isto para que possamos fechar a lista de atrocidades cometidas contra a pessoa, que poderia se estender, não fosse outro nosso objetivo, fundamentar o argumento dos autores sobre a freqüência de crimes cometidos por jovens pertencentes às classes média e alta que estudaram em escolas privadas e tiveram acesso a todos os bens de consumo.

Ironicamente Vilhena (2002, p.30) ainda questiona acerca da dificuldade de se “[...] entender tamanha barbaridade vinda de “meninos de família”? Afinal de contas, estamos acostumados a associar a “barbárie” às classes populares!”.

Em consonância com o exposto Ballone (2004, p.1) declara que

> Existe uma população de delinqüentes em outras classes sociais mais protegidas, seja pelos muros dos condomínios de luxo, seja por estatutos sociais não-escritos que zelam dos "bons hábitos familiares", enfim, existe uma população de delinqüentes que raramente é punida e cujos atos nunca chega aos nossos ouvidos.

Há considerar que o mérito da questão que se pretende desenvolver está na forma de entendimento do que tem desencadeado o comportamento desviante nestes indivíduos, de modo a se evitar “[...] a criticável posição de *psicologizar o social*, que retira a responsabilidade dos que a cometem” (MOREIRA, 2009, p.688) ou negociar a forma de punição para um ou outro grupo social, visto que ambos devam arcar com a responsabilidade de seus atos.

1.1.1.1 CAUSAS DA AGRESSIVIDADE

Ao longo do texto foi apontado que a agressividade aparece como sendo inata ao desenvolvimento humano, embora também possa ser aprendida no seio das relações sociais que se estabelecem ao longo da vida, uma vez que a própria vida em sociedade é aprendida e integrante da natureza humana e não uma invenção arbitrária de pensadores (VILHENA, 2002, p.33).

Diante disto, pode-se inferir que se a criança tiver todo um processo de acompanhamento durante sua formação educativa, esta pode ser canalizada de forma menos impactante e destrutiva para o convívio em grupo, há considerar que ela pode ser manifestada por diversas formas, seja pela via motora, verbal, ataque ou fuga; sentimento de raiva e ódio; via somática, taquicardia, rosto ruborizado, planos de ação que envolvem a manipulação do meio; e inclusive a via verbal, da qual o indivíduo vai utilizar-se do sentido das palavras para expressar controle em relação aos outros.

Nesse sentido faz-se necessário uma busca pelo entendimento de "[...] quais seriam estes estímulos externos ou situações e circunstâncias que predispõe as pessoas aos atos violentos e [...] que aumentam a chance de manifestação de atos agressivos" (QUEIROZ; LOURENÇO, 2007, p.6).

De acordo com Ballone (2004, p.2) a conduta agressiva apresenta estrita ligação com os *fatores individuais, familiares e ambientais* o que não indica que atinjam "[...] todas as pessoas por igual e nem submete todos à mesma situação de risco".

Entre os *fatores individuais* o autor elenca que o temperamento, baixa tolerância à frustração, o sexo, a condição biológica e cognitiva.

Porém no que diz respeito especificamente ao temperamento fica evidente que crianças agressivas costumam ter algum traço difícil na personalidade. Tal observação tem se traduzido, no imaginário coletivo enquanto individuo de personalidade forte, genioso, temperamental. O grande detalhe está em quando estes termos são usados meramente para dissimular demagogicamente ou minimizar alguma coisa que eles vêem (intimamente) como eventualmente problemática, principalmente quando do contato com a família que não aceita a necessidade de tratamento, ou reconhecer que falhou no processo educativo. Essas

diferenças falam a favor de força do temperamento e da constituição na maneira do ser se relacionar com o mundo. O que nos permite inferir que o temperamento, está diretamente relacionado a maneira como a pessoa se relaciona com a realidade, podendo ser entendido ainda como uma espécie de moderador das relações interpessoais entre crianças com seus cuidadores. Segundo esse entendimento aquelas crianças que apresentam um temperamento mais ativo, intenso, irritável, têm maior probabilidade de reagir de forma inapropriada ou exagerada diante de pequenas dificuldades.

Quanto à baixa tolerância à frustração costumam tomar a força o que querem ou, quando não conseguem, costumam encher as filas dos histéricos nos ambulatórios de psiquiatria.

Já a *família* corrobora com o nível de vínculo estabelecido, o contexto interacional, a eventual psicopatologia e/ou desajuste dos pais e por fim o modelo doméstico de educação que se estabelece.

Em outros termos vê-se que a convivência familiar e o exemplo dos pais conta em muito, isto por que pais com traços anti-sociais da personalidade, além de não transmitirem uma imagem meritosa aos filhos, podem ter dificuldades para dar mostras de aprovação e incentivo para as boas atitudes de seus filhos, não respeitam sua autonomia e espaço social, além de disciplinarem inadequadamente, com excesso de permissividade quando devem ser mais fortes e exageradamente agressivos quando não precisam (BALLONE, 2004, p.11).

Não poderia deixar de citar obviamente "[...] a poderosa mídia enquanto um forte instrumento de difusão de valores, crenças e atitudes [...] que tem concorrido de forma acirrada com a função educativa da família e da escola" (QUEIROZ; LOURENÇO, 2007, p.8).

Sobre a influência de filmes e programas de televisão enquanto motivadores da manifestação da agressividade cabe acrescentar que

> que a exposição a longo prazo de imagens violentas aumenta a probabilidade de atos violentos por parte do telespectador, e que em crianças isso é ainda mais preocupante, uma vez que elas tendem a imitar o comportamento dos modelos agressivos que observam. (RODRIGUES apud QUEIROZ; LOURENÇO, 2007, p.8).

Além dela somam-se os videogames, a escola e a situação sócio-econômica enquanto *fatores ambientais* que poderão evoluir de modo negativo no

comportamento da criança e do adolescente implicando na conduta agressiva destes.

Ballone (2004, p.6) cita ainda a questão da conduta entre as crianças em tempo escolar que apresentam vínculo inseguro, observando que este se reduz com os anos de escolarização, o que sugere a implicação da escola como normalizadora de conduta. Isso acontece, talvez, porque as crianças se acostumam à situação escolar e adotam um padrão de conduta similar aos demais, ou porque a escola os ensina a respeitar as normas básicas de conduta.

Entretanto ao se pensar em conduta desorganizada vê-se que é essencialmente pessoal e particular dada a peculiaridade desta questão, onde cada criança apresenta uma forma característica de reagir, incluindo a apreensão, incerteza, conduta depressiva, conduta evitativa, confusão, disforia, mudanças de conduta e outros conflitos de conduta.

Em suma, a influência do meio consiste em um problema do ser humano porque relacionada ao aumento do sentimento de desamparo, típico da nossa modernidade cultural, que pode ser agravado onde prevalece a descrença generalizada nos valores tradicionais, como a família, igreja, escola, etc, que tem levado crianças e adolescente à uma intensa busca do prazer pessoal e do individualismo, em detrimento dos ideais coletivos.

Outro fator que pode ser acrescentado às investigações sobre as causas da agressividade nos períodos da infância e adolescência, mencionado por Ballone (2004, p.5) é a presença de transtornos neuropsiquiátricos. Em muitos deles, como no caso do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, a origem das condutas agressivas pode sofrer influência do fator neurobiológico, podendo também ser propiciadas e mantidas pelo ambiente (Barkley, 2002). Nesse caso, o diagnóstico torna-se fundamental para o entendimento e a intervenção tanto psicológica quanto psiquiátrica.

Contudo vale ressaltar, que a agressividade, por si só, não pode ser considerada um transtorno psiquiátrico específico, ainda que não esteja fora dos sintomas refletem uma conduta desadaptada. Porém como sintoma ela pode fazer parte de certos transtornos, o que se nota é a possibilidade de admitir que a conduta agressiva costuma ser normal em certos períodos do desenvolvimento infantil, e está vinculada ao crescimento a medida que cumpre uma função adaptativa. Essa

agressividade normal e fisiológica também é chamada de agressividade manipuladora.

A partir destas questões, pode-se observar que, ao longo do processo de maturação, crianças e adolescentes exibem comportamentos agressivos. Entretanto, se essas condutas se mostram severas e freqüentes, elas podem indicar sinais de psicopatologia o que as predispõe enquanto fortes candidatos à um tratamento psicológico ou psiquiátrico o quanto antes (Kendall, 1991).

2 CONCEPÇÃO HISTÓRICA DA PERSONALIDADE CRIMINOSA: DESAJUSTAMENTO SOCIAL

Importa destacar que nos parágrafos que se seguem tratar de um assunto de extrema complexidade e delicadeza e que tem gerado preocupação entre pesquisadores há tempos, em hipótese alguma tem a pretensão de esgotar o que é e como se forma uma personalidade criminosa, antes, visa elencar as idéias e caminhos que foram percorridos em busca de se conhecer por que tais indivíduos agem de maneira tão brutal isentos de sentimento de culpa e arrependimento para com o sofrimento de suas vítimas e respectivas famílias.

2.1 Em busca da Origem do Desajustamento Social

Desde que se teve notícia da existência da vida humana sobre a terra, é sabido que os grupos se ocupavam dos cuidados de seus integrantes, o que incluía a instrução e proteção, em particular daqueles que acabavam de chegar ao grupo, ou seja, as crianças. Desta feita, ainda que de maneira rudimentar o processo educativo se fazia importante para a manutenção e existência do grupo.

Desse processo, evidentemente, fazia parte instruir acerca do que se entendia por certo e errado, mostrar o melhor caminho a ser trilhado, escolher aquele que oferecesse menores riscos e perigos, enfim, orientações necessárias à sobrevivência do grupo, de modo que estivessem focadas no seu bem estar.

Assim ao longo do tempo o individuo estaria apto a “caminhar” sozinho, se tornaria independente e autor de sua história. Entretanto esta caminhada seria constituída por meio de possibilidades, opções de escolha, probabilidades de resultados positivos, para enfim chegar a alternativa mais acertada, que sem sombra de dúvidas independente da escolha que fizesse teria conseqüência (as) sobre a sua vida.

Cabe, portanto inferir que para alcançar o sucesso o indivíduo necessitaria e ainda hoje necessita de uma formação educacional consistente, revestida principalmente de sabedoria e discernimento para fazer suas escolhas.

Apesar disso, movimentos em busca de respostas e explicações acerca dos comportamentos desregrados, antissociais e desajustados dos mesmos tem despontado ao longo dos anos conforme poderá se vê a seguir. Tendo em vista que a experiência tem demonstrado que nem todos os indivíduos têm cumprido “à risca” esses desígnios importantíssimos ao bom convívio social.

É nessa perspectiva que indagações como a que segue começam a tomar conta das mais diversas áreas de pesquisa e trabalho como profissionais da saúde, segurança pública, de direito e sociedade civil e passamos a compartilhar da indagação de Innes (2009, p.9): Quando as mesmas tentações aparecem diante de nós, por que certas pessoas sucumbem enquanto que o resto tenta continuar no caminho da virtude?

Para responder a esta pergunta pesquisas têm sido desenvolvidas e evidenciado que por longa data acreditou-se que “[...] os criminosos nasciam assim, incapazes de controlar seus instintos antissociais ou um espírito maligno os tinha possuído – deuses malignos, demônios, ou até o próprio Satanás” (INNES, 2009, p.9). Diante do exposto pode-se entender que os comportamentos desajustados seriam de origem genética, passado de pai para filho, o que seria aterrorizante.

Séculos se passaram e mudanças de pensamento sobre a natureza humana se fizeram presentes, graças às pesquisas que tiveram continuidade. Onde se observou a mudança do paradigma da genética, para o do fenótipo como descreve o autor citado anteriormente.

Innes (2009, p.10) esclarece que, “durante o século XVI surgiu a idéia de que era possível determinar a natureza de uma pessoa por características externas, tais como a testa, a boca, os olhos, os dentes, o nariz ou o cabelo.”. Segundo o pesquisador este tipo de estudo desenvolvido recebeu o nome de “fisiognomia” empregado pela primeira vez pelo francês Barthélemy Coclès, contindo na obra Physiognomonia (1533) que apresenta na forma de xilografias a ilustração de suas idéias.

Apesar dos avanços para a época ainda não se podia definir ao certo se o comportamento desses desajustados eram de origem interna - doença ou externa - aprendida. Vale ressaltar que a partir de então o pensamento médico começou a sofrer influências da área da filosofia, cujo norteamento se deu através do nascimento da “psicologia”, que fora combinada a “fisiognomia”, e deu origem a abordagem da frenologia.

Pouco mais de um século das descobertas de Coclès, o médico Franz Joseph Gall (1758- 1828) de considerável prestígio na itália, concluiu através de muita dedicação e afinco em suas pesquisas, que o cérebro era formado por 33 “órgãos”, dentre os quais “[...] disse ter identificado – que incluíam aquele que supostamente indicava o desejo humano de “procriar” – encontravam-se também os órgãos do homicídio, do roubo e da astúcia” (INNES, 2009, p.11).

Dos novos achados e avanços se teve notícia sobre das mentes criminosas, em meados do século XIX, através dos trabalhos voltados a fisiognomia - desenvolvidos pelo italiano Cesare Lombroso (1836-1909) junto aos criminosos nas cadeias italianas. Onde obteve consideráveis descobertas onde passou “[...] a dividir seus casos em “criminosos ocasionais” - levados pelas circunstâncias, e os “criminosos de nascença” – aqueles que cometiam crimes frequentemente por conta de um defeito herediário que era visível na aparência física” (INNES, 2009, p.12).

Chegado o século XX, outras pesquisas seguiram-se aos trabalhos de Lombroso, onde aparece a antrometria que era um método de medição do corpo de seres humanos aplicada na prática de investigação criminal, principalmente por Alphonse Bertillon, porém logo caiu em desuso quando as impressões digitais foram aceitas internacionalmente (INNES, 2009, p.14).

Dentre os pesquisadores que mais se destacaram foi o psiquiatra alemão Ernet Kretschmer que desenvolveu uma abordagem sobre o físico e o caráter de criminosos. Enquanto que, William Sheldon se ocupou em delinear o perfil de jovens delinqüentes a partir da ligação sistemática dos biótipos, conforme elencados abaixo:

- **Endomorfos:** geralmente suaves, arredondados e roliços, considerados simpáticos e associáveis e que oferecem um amor incondicional.
- **Mesomorfos:** fortes, musculosos e atléticos, com esqueleto grande e desenvolvido. A personalidade é forte e com uma tendência à agressividade e, ocasionalmente, muito explosivo.
- **Ectomorfos**; magros, frágeis e geralmente com esqueleto pequeno e músculos fracos. Tendem a ser hipersensíveis, tímidos, distantes e introvertidos (apud INNES, 2009, p.16).

Porém não foi feliz quando afirmou que de modo geral todas as pessoas pertencem a um de três tipos básicos, o que favoreceu a contestação de

outros profissionais como, por exemplo, Eleanor e Sheldon Glueck por volta da segunda metade do século XX: “[...] em que concluíram que a delinqüência está relacionada com uma combinação bem mais ampla de fatores biológicos, ambientais e fisiológicos” (INNES, 2009, p.16).

De modo a não nos estendermos ainda mais sobre os progressos das pesquisas acerca da origem do perfil criminoso - uma vez que a referida questão demandaria páginas seguidas e a saber que já temos uma luz iluminando o caminho e que de certo modo avançamos a caminhada que se propôs a percorrer, optamos por acrescentar as palavras de Innes acerca da frieza, indiferença e naturalidade do acusado frente aos testes de avaliação a que são submetidos: “Os psicopatas são capazes de separar a personalidade descontrolada que comete o crime do seu Eu mais bem sucedido. O Eu consegue controlar o conhecimento dos crimes cometidos, e assim passar nos testes” (2009, p.49).

Por esta e outras razões que aprofundar os conhecimentos acerca dos motivos que levam o indivíduo a se comportar desta ou daquela forma se fizeram e se fazem necessárias ainda nos nossos dias, isto porque apesar das pesquisas e dos trabalhos de investigação sobre as causas ainda não se tem respostas pontuais, mas alternativas e indícios alcançados através dos esforços em particular da medicina – psiquiatria, neurologia e psicologia.

2.2 NEUROSE E PSICOSE: CONSTITUIÇÃO DO COMPORTAMENTO DESVIANTE

Conforme pode-se observar até neste momento tem-se feito menção às questões da violência e agressividade como integrantes da vida em sociedade, bem como às diferentes formas de entendimento de alguns estudiosos da área. Em particular a violência, ora é percebida por alguns como intrínseco ao comportamento humano - ela vem a tona - por que integra a formação de sujeito, ora é percebida segundo uma visão mais crítica pelos que negam a primeira opção – à medida que se materializa através da intencionalidade. Fez-se alusão ainda àqueles indivíduos que manifestam comportamentos desviantes e como estes foram identificados ao longo da história da investigação criminal.

Conforme se fez saber no capítulo anterior, segundo alguns pesquisadores a capacidade de discernimento e de escolha é o que primeiro diferencia os animais dos seres humanos, e qualifica estes últimos como seres racionais. Sendo assim, para os ambientalistas, tudo quanto envolve a capacidade de escolha entre aquilo que é virtuoso ou não, vem da formação do individuo, não nasce com ele, pois é aprendido no meio em que vive.

Já para o modelo behaviorista, o desvio de comportamento que desencadeia em ato criminoso é determinado pela situação, fruto das experiências anteriores e de outras que fazem lembrá-la (ROSA; CARVALHO, 2009, p.160).

Para outros o comportamento desviante é herdado geneticamente, passado de pai para filho, ou seja, já nasce com o indivíduo.

Como se nota muitas são as controvérsias, o que não se pode admitir é que seja considerado apenas um determinante para o desenvolvimento humano, uma vez que as diferenças individuais - tanto das pessoas “normais” quanto as que apresentam comportamento criminoso, são conjugadas a partir da interação do convívio social, da reprodução do modelo de homem e da determinação da herança genética.

Somam-se a elas fatores outros que não o do livre arbítrio somente como contribuinte ou desencadeador do rompimento da ordem coletiva, revelado ao longo do tempo por pesquisas, as que acontecem em nível cerebral, ou seja, nível de estrutura clínica.

2.2.1 ESTRUTURAS CLÍNICAS: NEUROSE E PSICOSE

Como se nota as bases que sedimentam o presente fragmento, já foram constituídas, ao mesmo tempo em que se abre espaço para abordar especificamente as estruturas clínicas do sujeito: neurose e psicose, de modo que possamos avançar a linha de raciocínio, focada na psicopatia. Assim pretende-se delinear uma breve exposição acerca dos conceitos de neurose e psicose segundo a linha da psicanálise.

Antes de qualquer coisa, importa esclarecer, o que vem a ser uma estrutura clínica. Como bem coloca Oliveira (2004, p.116), quando se faz referência

à estrutura é porque está se “[...] observando a posição do sujeito frente a questões cruciais da existência”.

Poderia encerrar as explicações dizendo que as estruturas se resumem da seguinte forma: Neurose = ego X id; PSICOSE = ego X realidade externa, cuja leitura seria assim realizada – “a neurose é o resultado entre o conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo” (FREUD, 1996, p. 167).

Entretanto percebe-se a ausência de contento e inviabilidade de esgotar o tema desta maneira, pois abre-se um novo leque de indagações que merecem cuidado, além de que não se chegaria aos objetivos propostos no trabalho. Por conta destas questões fez-se opção por incluir detalhes conceituais que estivessem fundamentados na posição de vários estudiosos da linha psicanalítica, principalmente.

2.2.2 RAZÃO E DESRAZÃO: CONFLITOS EXISTENCIAIS

Voltar os olhos para a história com vistas à conhecer os primeiros passos na busca por entendimentos dos conflitos existenciais em termos de estrutura clínica, é de suma importância para o que se pretende. No início deste trajeto, conforme se fez saber no início do capítulo, as questões da razão e desrazão emergiram do campo da filosofia que logo mais se desdobraria em novas ciências como foi o caso da psicologia.

Assim foi por volta do século XVIII, que se fez menção a separação da razão e desrazão, e os sujeitos passaram a ser vistos como portadores ou não da razão. E recebia a denominação de louco, aquele desprovido da razão, que ao mesmo tempo que era notadamente repelido pela sociedade era resguardado por ela, por meio do seu isolamento (OLIVEIRA, 2004, p.166).

Se por um lado a reclusão destas pessoas era reprovável, tomaríamos como oportuna a idéia da medicina em torná-las seu objeto de estudo e intervenções. E desta tentativa de dar conta da loucura é que nasceu o campo da psiquiatria (OLIVEIRA, 2004, p.166).

Só bem mais tarde o termo loucura foi substituído por psicose, não que ambos sejam exatamente sinônimos, mas principalmente por conta da conotação pejorativa que este termo trouxe junto de si por longa data, além de novas descobertas e explicações para esse tipo de comportamento apresentado por alguns indivíduos. O que pode ser comprovado pela colocação de Zimerman (2005, p. 163)

> O termo “psicose” foi criado em meados do século XIX como uma forme de substituir o depreciativo vocábulo “loucura”, então muito em voga, e tentar definir essa doença em uma perspectiva psiquiátrica em lugar de hipóteses demoníacas e outras equivalentes, vigentes na Antiguidade.

Porém a questão que recusa calar é saber como consisti a organização interna destas pessoas em momentos de desrazão, a ponto de em determinadas situações cometer um ato infracional, através da “violação da ética, da lei, da moral e dos bons costumes de determinada sociedade” (ROSA; CARVALHO, 2009, p.159) e comprometer a qualidade de toda uma vida que ainda lhe resta.

Entre outras palavras cabe retomar o que já foi apontado anteriormente em que nós vivemos em grupo e fomos por ele educados, segundo os valores e padrões que o grupo acredita como correto e adequado. Desta feita importa ressaltar que Freud identificou três elementos que formam a estrutura psíquica do sujeito que comandam suas ações e comportamentos, a saber: id, ego e superego.

Onde o primeiro e o terceiro seriam mediados pelo ego, estrutura esta que auxiliam a agir segundo os padrões e normas impostas pelo grupo. Segundo Freud o ego seria a estrutura organizada de forma coerente de processos mentais que impediria o indivíduo de agir segundo os extremos, totalmente inflexível ou rígido ao que a sociedade aponta como correto e esperado, portanto

> é a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade – isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. [...] Desse ego procedem também as repressões, por meio das quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade (FREUD, 1996, p.30)

O id por sua vez seria identificado enquanto a estrutura que tem como foco o princípio do prazer, movida segundo as paixões. O ego estaria portanto

trabalhando com afinco para influenciar o id segundo as coordenadas do mundo externo, segundo os padrões da realidade, esta estrutura seria então a famigerada razão. (FREUD, 1996, p.39)

O Superego, portanto seria em contraste às estruturas da razão e das extravagâncias da paixão o ponto de extrema rigidez demarcada pela moralidade, princípios e valores.

Diante do exposto pode-se considerar que se estes processos estiverem desempenhando suas funções na mais perfeita harmonia pode-se inferir que viveríamos numa sociedade ideal Todavia a realidade é outra e a explicação que se tem é que, entretanto sabe-se que estamos longe de isso acontecer, isto por que nem sempre esse controle exercido pelo ego é totalmente inabalável, tanto que é das brechas encontradas pelas outras estruturas que se formam a neurose e a psicose, desordens manifesta no comportamento dos indivíduos.

Apenas para efeito de ilustração cabe acrescentar que quando o indivíduo age sem pensar, ou permite que as emoções falem mais alto, elas levam-no a agir de determinada maneira, as vezes inconscientemente, ou seja, quando as emoções extravazam pelas brechas ego.

A partir das exposições vejamos novamente o processo desencadeado pela perda de controle do ego:

> [...] nas neuroses existe um conflito principal entre o ego e o id: o ego defende-se das pulsões e reprime uma parte da vida instintiva, obedecendo às exigências da realidade externa e do superego – o representante interno dessa realidade. Nas psicoses, o conflito essencial é entre o ego e a realidade externa: o ego nega a realidade ou retrai-se, obedecendo aos impulsos do id. (QUILES, 1986, p.53).

As conseqüências desencadeadas por estas estruturas clínicas merecem atenção de modo a distinguir como estas se manifestam no comportamento do individuo.

Dadas estas breves explicações vejamos as definições dos termos neurose e psicose empregadas por alguns autores.

A neurose primeiramente consistiria em um desarranjo entre o afeto e a idéia: “O afeto permanece na esfera psíquica, enquanto a idéia passa a ser enfraquecida e permanece na consciência, separada de qualquer associação. Para Freud, o afeto apresenta um destino diferenciado” (QUILES, 1986, p.53).

. Pode-se dizer ainda que a neurose seria fruto de um tipo de repressão fracassada, por ser resultado de um "[...] afrouxamento da relação com a realidade, isto por que a perda da realidade afeta exatamente aquele fragmento da realidade, cujas exigências resultaram na repressão instintual ocorrida" (FREUD, 1996, p.117).

Hegenberg (2004, p.78) ao fazer referência aos tipos de personalidade N e P - terminologias estas que correspondem respectivamente às personalidades neurótica e psicótica, das quais farei uso não somente por mera simpatia, mas pela clareza conceitual por ele colocada, acrescenta que a personalidade do tipo N como constituída por

> dificuldade com limites, em função da castração. Todos nós, humanos, temos problemas com limites, mas pessoas do estilo N sofrem mais por causa deles. Por exemplo, raramente estão satisfeitos, porque o que falta se torna mais importante do que o possuído. Não querem se sentir diminuídos, mas assim se percebem quando tem diante de si algo que desconheçam (HEGENBERG, 2004, p.78).

Segundo o mesmo autor no sujeito neurótico há o predomínio da culpa, por conta o conflito comum entre id e superego "[...] entre o que se quer fazer e o que não se deve fazer" (2004, p.78), ou seja a culpa resulta do desafio do id sobre os limites impostos pelo superego, uma vez que a ele cabe a responsabilidade de interditar os impulsos instintivos presentes no comportamento humano.

Hegenberg (2004, p.79), chama-nos a atenção quanto à importância de que "[...] em todos os seres humanos as questões da castração, da culpa, do superego, estão presentes" porém destaca que o detalhe está no fato de que "[...] nas pessoas do tipo N, essas questões permeiam seus gestos e preocupações de forma muito mais consistente do que em outros tipos" (HEGENBERG, 2004, p.79).

Freud diria que

> [...] os neuróticos, antes do adoecimento, gozavam de boa saúde mental Porém, em determinado momento, aconteceu uma incompatibilidade na sua vida ideativa, ou seja, seu ego foi confrontado com uma experiência, uma idéia ou um sentimento que suscitou um afeto aflitivo e com isso o sujeito deseja esquecê-lo. ((HEGENBERG, 2004, p.119).

O sujeito psicótico por sua vez perde a capacidade de perceber o mundo exterior, ou nos casos quando ele ainda existe não possui qualquer efeito

sobre ele, é como se “[...] mundo interno, que, como cópia do mundo externo, que até agora o representou, perde sua significação (sua catexia)” (HALL, LINDZEY E CAMPBELL, 2000, p.37).

Chegando alguns pacientes ao nível de Hebetude afetiva, que é a perda de toda a participação no mundo externo.

De acordo com Hegenberg o tipo de personalidade P “o superego não organiza, a organização dominante é do Id, levando a um conflito com a realidade. A relação com o outro é fusional”, além de serem profundamente “[...] centradas nelas mesmas, estabelecendo uma delicada relação com o ambiente porque esse ambiente pode ser fator de desorganização pessoal [...]” (2004, p. 98)

Zimerman (2005, p. 163) complementa que a psicose “[...] designa um processo deteriorante das funções do ego, a ponto de haver, em graus variáveis, algum sério prejuízo do contato com a realidade, com a probabilidade de surgimento de alucinações e idéias delirantes”, e cita alguns casos como “[...] as diversas formas de esquizofrenias crônicas [...], diferentes graus e níveis de esquizofrenias; o transtorno bipolar [...]; as psicoses orgânicas (alterações cerebrais, etc.)” (ZIMERMAN, 2005, p. 163). Como pode-se observar entre os pacientes psicóticos vamos encontrar o grupo dos psicopatas, por estar enquadrada no tipo de psicose orgânica, caracterizada pelas alterações nas cerebrais.

O agravamento desta questão se dá ainda para além do ego insistentemente silenciar o id, ou ser derrotado por ele id extremos estes que teriam como conseqüência a solidificação do efeito patogênico, chegando o indivíduo a ser “atirado para além da realidade”. Enfim pode-se entender que “[...] na neurose um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento” (ZIMERMAN, 2005, p. 206). Cabe ressaltar que a distinção nítida entre psicose e neurose, ainda é uma questão delicada apesar dos esforços dedicados as pesquisas dado o fato de “[...] que também a neurose não faltam tentativas de substituir uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com os desejos do indivíduo” (ZIMERMAN, 2005, p. 206).

3 A CONSTITUIÇÃO DA PERSONALIDADE PERVERSA

Discorrer sobre a formação da personalidade psicopática, ou também conhecida como Sociopática, é sem sombra de dúvida tarefa delicada e comprometedora, por entendermos que exige cuidado de modo que não sejam aplicadas idéias equivocadas sobre o que é e como se comporta o indivíduo.

Sendo assim importa ressaltar que o termo "Psicopata" ("psychopath") e "psicopatia" ("psychopathy") "vem do grego psyche (alma), e pathos (sofrimento). Um psicopata é, então, aquele cujo sofrimento provém da alma, ou aquele que está mentalmente doente" (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980, p.27), apesar de apresentar características bastante específicas, em razão de estarem situadas à margem da normalidade psico-emocional.

Silva (2008, p.27) também alerta-nos sobre o cuidado que se deve ter sobre o entendimento equivocado do termo psicopata enquanto sinônimo de loucura e doença mental, dada às modificações por que este tem passado ao longo da história das ciências psicanalíticas. Ainda que a palavra psicopata em seu sentido literal signifique doença da mente (do grego, *psyche*= mente; e *pathos*= doença), não se pode afirmar que a psicopatia esteja inserida no quadro das doenças mentais visto que estes sujeitos apresentam um QI normal e não raro acima da média.

A referida autora ainda declara que segundo os termos médicos-psiquiátricos

> [...] a psicopatia não se encaixa na visão tradicional das doenças mentais. Esses indivíduos não são considerados loucos, nem apresentam qualquer tipo de desorientação. Também não sofrem de delírios ou alucinações (como a esquizofrenia) e tampouco apresentam intenso sofrimento mental (como a depressão ou o pânico, por exemplo) (SILVA, 2008, p.27).

Silva ainda acrescenta que de forma geral a personalidade dos psicopatas caracteriza-se por

> indivíduos frios, calculistas, inescrupulosos, dissimulados, mentirosos, sedutores e que visam apenas o próprio benefício [...] incapazes de estabelecer vínculos afetivos ou de se colocar no lugar do outro. São desprovidos de culpa ou remorso e, muitas vezes, revelam-se agressivos e violentos (SILVA, 2008, p.27).

Ao conjunto de características da personalidade psicopática, acrescenta-se a baixa tolerância à frustração, o que gera não raras vezes atitudes impulsivas fruto de um superego deficitário em suas funções, podendo cometer toda espécie de atrocidades, de modo frio e calculista.

O que por sua vez compromete a qualidade e a capacidade "[...] de relacionamento social, ausência de valores morais; frieza no lugar de emoção; falta de compromisso com os outros e a incapacidade de sentir culpa" (MOREIRA, 2002, p.6).

No que diz respeito à constante ausência de sentimento de culpa, Moreira (2002, p.6) afirma que de modo geral isto se deve ao fato, comumente "[...] o sociopata tem prazer em fazer algo que para muitos geraria remorso, mas para ele é substituído por prazer, ou seja, terá satisfação em ter realizado um fato, fora dos padrões ditos normais pela sociedade". Em outros termos arrependimento e remorsos, não constituem parte de sua formação, de modo que os outros é que são responsáveis pela culpa do que lhes acontece de mal, já que vive com a certeza que nunca erra e nem irá errar. É com base em tais questões que também não teme a punição, pois tudo o que faz tem um propósito benéfico, obviamente a partir de seu ponto de vista.

Empatia, portanto também está fora do quadro comportamental, visto que são incapazes de se colocar no lugar do outro e respeitar o sentimento alheio, para os psicopatas sensibilidade e generosidade não passam de fraquezas, pois o que prevalece é a indiferença ao sofrimento dos outros.

Silva (2008) afirma que embora se tenha a impressão de que os psicopatas estejam aquém da realidade e da vida em sociedade, alerta que ao contrário do que se imagina eles estão muito próximos de nós, talvez morando ao lado de nossos lares ou integrando nossos grupos de convivência.

> Eles vivem entre nós, parecem fisicamente conosco, mas são desprovidos deste sentido tão especial: a consciência. [...] Admitir que existem criaturas com essa natureza, é quase uma rendição ao fato de que o "mal" habita entre nós, lado a lado, cara a cara (SILVA, 2008, p.35).

> [...] podem ser encontrados em qualquer raça, cultura, sociedade, credo, sexualidade, ou nível financeiro. Estão infiltrados em todos os meios sociais e profissionais, camuflados de executivos bem-sucedidos, líderes religiosos, trabalhadores, "pais e mães de família", políticos etc. [...] (SILVA, 2008, p.35).

Silva (2008) qualifica esses indivíduos como verdadeiros atores da vida real, pois são extremamente dissimulados

> [...] verdadeiramente maléficos e ardilosos utilizam “disfarces” tão perfeitos que acreditamos piamente que são seres humanos como nós. [...] mentem com a maior tranqüilidade, como se estivessem contando a verdade mais cristalina [...] e conseguem deixar seus instintos maquiavélicos absolutamente imperceptíveis aos nossos olhos e sentidos, a ponto de não percebermos a diferença entre aqueles que têm consciência e aqueles que são desprovidos desse nobre atributo (SILVA, 2008, p.35).

Uma vez mestres na dissimulação, mentir para eles não é tarefa difícil. Quando em situações de “conflito” saem-se perfeitamente bem em contar uma mentira como se estivessem a descrever detalhadamente uma situação real. Para este grupo de indivíduos seu mundo é regido a partir da fusão entre realidade e ilusão, a mentira para eles não é vista como algo constrangedor, constrangedora, mas um verdadeiro modo de viver.

Embora a psicopatia seja frequentemente associada ao protótipo do assassino em série, pelo imaginário coletivo, cabe destacar que nem todos os assassinos são psicopatas e nem todos os psicopatas chegam a ser assassino, ou mesmo fisicamente violentos, o que Sabbatini (1998, p.2) dominou de sociopatas não-violentos e adaptados que podem ser facilmente encontrados em nossa sociedade.

> [...] uma pequena fração dos sociopatas se desenvolve em criminosos violentos, estrupradores e assassinos seriais. Em casos mais severos, a doença pode evoluir para canibalismo e rituais sádicos de tortura e morte, frequentemente de natureza bizarra (SABBATINI, 1998, p.3).

Sobre esta questão vale ressaltar que a sedução integra por excelência a personalidade destes, postura que os insere no campo da afabilidade e fá-los parecer afáveis e indefesos. Este aspecto teatral da personalidade destes indivíduos torna-os de tal modo convincentes que poucos desconfiam do lado perverso e obscuro que os define.

Moreira reforça esta questão ao afirmar que a grande maioria dos sociopatas são criaturas encantadoras embora seja expressivo o grupo que faz uso do “[...] encanto pessoal e da capacidade de manipulação de pessoas, como meio de sobrevivência social” (BALLONE apud MOREIRA; FARIAS, 2002, p.6), e acaba

por exercer sobre suas “vítimas” um poder de coisificação. Para Ballone (apud MOREIRA; FARIAS, 2002, p.6) “o encanto, a sedução e a manipulação fazem parte das condutas do sociopata. Partindo do princípio de que, não se pode manipular alguém que não se deixe manipular, só será possível manipular alguém se esse alguém foi antes seduzido”.

Desta feita quando se pretende fazer o diagnóstico do perfil psicopático não admira que haja dificuldade em se detectar os elementos que caracterizam o comportamento agressivo, tendo em vista que vem acompanhado da violência resultante de forte

> [...] descarga emocional (geralmente raiva ou medo) e ativação do sistema nervoso simpático (dilatação das pupilas, aumento dos batimentos cardíacos e respiração, descarga de adrenalina, etc). Seu tipo de violência é similar à agressão predatória, que é acompanhada por excitação simpática mínima ou por falta dela, e é planejado, proposital, e sem emoção" ("a sangue-frio") (SABBATINI, 1998, p.3)

De acordo com Hare (apud SABBATINI, 1998, p.6) para os psicopatas a idéia de bem comum não passa de mera abstração sem sentido e significado, daí a perpetuação da prática que ignora as regras sociais enquanto força limitante.O que observa-se

> É enorme o sofrimento social, econômico e pessoal causado por algumas pessoas cujas atitudes e comportamento resultam menos das forças sociais do que de um senso inerente de autoridade e uma incapacidade para conexão emocional do que o resto da humanidade.

Somam-se às características já mencionadas pertencentes aos indivíduos que apresentam distúrbio sociopatológico, o desprezo pelas obrigações sociais, que frequentemente resultam em desastres e frustrações. Como se não bastasse, são persistentes em seus atos e quase nunca tiram lições de seus comportamentos, relatam Moreira e Farias (2002, p.7).

Diante do exposto, estes circunscrevem-se enquanto “verdadeiros predadores sociais”, em cujas veias e artérias corre um sangue gélido”, dado os diferentes níveis de gravidade e formas de manifestação de seus atos transgressores (SILVA, 2008, p.27), isto para não deixar de dizer que trata-se de motivo de orgulho para os próprios sociopatas essa forma como são vistas pela sociedade a fora.

3.1 Causas da Sociopatia: Cérebros Doentes

Como é de se esperar não são poucas as indagações acerca das causas da sociopatia, devido os “sintomas” que operam no comportamento do indivíduo que fora apresentado anteriormente.

Conforme apontado, sabe-se que etimologicamente, o termo sociopatia propriamente dito corresponde a um tipo de sofrimento interior que passa a desencadear uma série de distúrbios na personalidade do indivíduo, como atos anti-sociais contínuos e inabilidade de seguir normas sociais, ou seja, que irão comprometer a qualidade de vida socialmente.

Soifer (1992, p.390) acredita que “os mecanismos psicopáticos vão se organizando desde os primeiros meses de vida, graças a uma constituição especial, que facilita a descarga motora [...]”.

Todavia há controvérsias sobre tal questão, advindas de estudos que apontaram a personalidade sociopática enquanto processo adquirido a partir de lesões patológicas do cérebro, como é o caso de tumores ou até mesmo acidentes que podem acarretar trauma intenso. Para efeito de ilustração cita-se o caso de

> [...] um paciente que desenvolveu alterações de personalidade, as quais se assemelhavam fortemente a um distúrbio de personalidade antissocial, após a remoção cirúrgica de um tumor na glândula hipófise, o qual provocou danos a uma parte do lobo frontal chamado córtex órbito frontal esquerdo (SABBATINI, 1998, p.7).
>
> Phineas **Gage, um supervisor de obras ferroviárias, perdeu parte de seu cérebro com uma barra de ferro que atravessou seu crânio quando uma carga explosiva foi colocada acidentalmente. Ele sobreviveu por muitos anos ao extenso trauma, mas tornou-se uma pessoa inteiramente nova, abusiva e agressiva, irresponsável e mentirosa, incapaz de imaginar e planejar, e completamente diferente de sua formação [...] (SABBATINI, 1998, p.7).**

Entender minimamente como se processa as informações em nível cerebral torna-se quesito essencial para o estudo da personalidade psicopática. Uma das hipóteses importantes na compreensão do funcionamento cerebral em relação à personalidade é aquela que trata de uma espécie de organização hierárquica do cérebro, onde haveria centros superiores, médios e inferiores.

Segundo Sabbatini (1998, p.7) “muitos comportamentos associados às relações sociais são controlados pela parte do cérebro chamada lobo frontal, que está localizado na parte mais anterior dos hemisférios cerebrais”, conforme identificado na figura abaixo. Esta parte do cérebro tem como função as atividades de “auto-controle, planejamento, julgamento, o equilíbrio das necessidades do indivíduo versus a necessidade social, e muitas outras funções essenciais subjacente ao intercurso social efetivo [...] (SABBATINI, 1998, p.7)

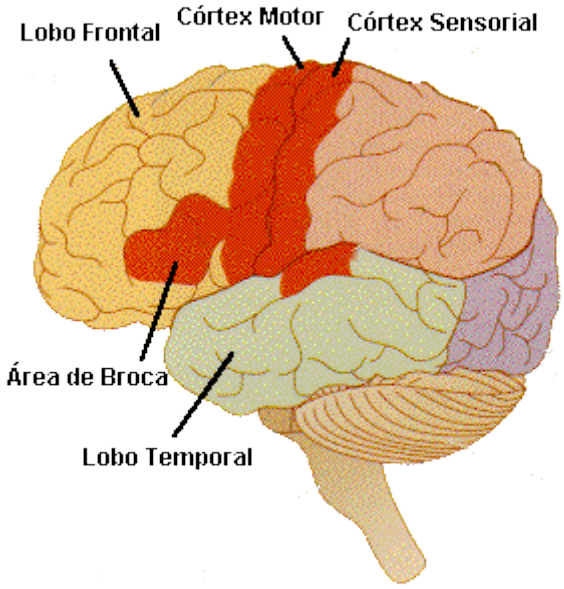


Fig.1 Principal subdivisão do encéfalo humano

Porém, quando acontece uma lesão no córtex órbito-frontal, esta repercute diretamente em sua atividade neural, responsável pelo medo condicionado o que favorece o desenvolvimento de uma personalidade antissocial.

Sabbatini, faz saber que os “[...] seres humanos normais aprendem muito cedo na vida a evitar comportamentos antissociais, porque [...] possuem circuitos cerebrais para associar o medo da punição (sentimento da emoção) à supressão do comportamento [...]”, o que segundo ele parece consistir em um elemento chave no desenvolvimento da personalidade.

De forma mais detalhada, o cérebro humano resultaria da integração de “três cérebros” distintos, com diferentes características estruturais, neurofisiológicas e, especialmente, com diferentes performances comportamentais. Juntamente com as estruturas neuronais listadas acima, o ser humano possui também a medula espinhal, o bulbo e a protuberância, formando parte do cérebro

posterior e do cérebro médio, ou mesencéfalo. Essas estruturas comportam os mecanismos básicos da reprodução e da autoconservação, incluindo a regulação do ritmo cardíaco, da circulação sanguínea e da respiração.

A agressão em particular requer a participação de antigas estruturas cerebrais (Amígdalas, Núcleos da Base e Complexo Estriado), porém aquela que é planejada, ou elaborada segundo algum objetivo, ou talvez os subprodutos da agressão, perversidade e destrutividade, necessitaria, portanto de redes neuronais mais complexas e abrangentes que envolvem principalmente o Sistema Límbico, isto por que este sistema é o maior responsável pela emoção, e será neste sistema que a quase totalidade dos psicofármacos atuará.

As estruturas límbicas e os lobos frontal e temporal, portanto serão os centros onde estão localizadas as áreas relacionadas à expressão da agressividade, bem como os sistemas neuroendócrino, neuroimune, neurovegetativo, os ritmos circadianos, são todos fortemente influenciados pelas emoções.

Enquanto que a agressividade natural das crianças, considerada uma atitude adaptativa normal, aumenta com a idade e vai variando, com o passar do tempo, da forma física e instrumental para a forma verbal e hostil. Altera-se, portanto, não só a forma da agressividade, como também, o objetivo e a sua finalidade à medida que cresce e se desenvolvem conforme mencionado há pouco.

3. 2 O COMPORTAMENTO PERVERSO

Segundo Silva (2008, p.193), o termo “perversão” pensada em sentido estrito “[...] resulta de *per+verterei* (ou seja, pôr às avessas, desviar) designando o ato do sujeito perturbar a ordem ou estado natural das coisas”.

De acordo com essa linha conceitual a perversão passa a ser entendida por alguns autores, de forma mais abrangente ao incluir outros desvios que não unicamente os sexuais, apesar da maioria dos autores psicanalíticos manterem-se firmes à conceituação proposta por Freud, de que na psicanálise, o termo “perversão” vem designado unicamente como os desvios ou as aberrações das pulsões sexuais.

Para a mesma autora as perversões comumente encontradas pelo ponto de vista clínico, são as elencadas adiante, como: exibicionismo; escoptofilia (ou voyeurismo); sadismo; masoquismo; fetichismo; bestialismo (prática de sexo com animais); pedofilia (abuso sexual com crianças), etc (id).

3.1.1 A Violação do Sexto e Quinto Mandamento

Antes de mais nada propomos um breve exercício de recaptulação sobre o que traz o quinto mandamento bíblico, e vamos encontrar apenas duas palavras, porém significativas e indispensáveis à vida em sociedade: Não matarás.

O sexto mandamento por sua vez aparece qualificado como gravemente pecaminoso, por tratar-se de homicídio direto e voluntário, e condena não só assassino, mas também os seus colaboradores na prática, em que os homens estão cometendo um pecado que é digno de clamor aos céus, por providências.

Cabe destacar ainda que qualquer ato que venha provocar indiretamente a morte de outrem ou colocar em risco mortal sem razão uma pessoa, ou agir de modo a provocar a morte, ainda que sem a intenção de causá-la, pois apenas “simples fato” de ter participado e praticado o ato criminoso não isenta de punição a pessoa que o praticou.

3.1.1.1 O Caso Richtofen

Se retrocedermos no tempo por aproximadamente três anos, no dia 30 de outubro de 2002, quando os ponteiros do relógio marcavam entre às 11 horas e 3 horas do dia seguinte – dado estimado após exame necroscópico, dia e hora que remontam ao assassinato do casal Richthofen, vamos encontrar Suzane Von Richthofen, uma jovem de dezenove anos e estudante de Direito, filha do casal, que contou com a participação de Daniel Cravinhos, na época seu namorado e Cristian Cravinhos, irmão de Daniel na cena do crime que abalou o país.

Deste quadro moralmente condenável pela sociedade fica a pergunta: Que desvio de comportamento pode explicar a atitude da jovem que

participou da execução dos próprios pais? Dada a repercussão do caso na mídia, é de se esperar as mais diversas especulações acerca das possíveis respostas enquanto não se chegasse às vias de fato, reveladas pelo trabalho das investigações policiais.

Tais especulações poderiam não ter se estendido a tanto se não fosse as idas e vindas presentes nos depoimentos da ré confessa, uma vez que atribuía aos interesses dos irmãos Cravinhos, especialmente Daniel a morte do casal Richthofen, ora à privação de liberdade por parte dos pais que a reprimiam em demasia ou ainda recusa destes em consentir o namoro dos jovens – afinal não pertenciam a mesma classe social, nem sequer possuía o mesmo status social de que Suzane usufruia.

Entretanto a suposta justificativa que teve peso maior em defesa à posição da ex-adolescente pelos advogados, ao afirmarem que o amor impossível vivenciado pelos jovens tenha sido a razão maior, ou seja, o que motivara o assassinato dos pais.

Desta feita, passava-se a delegar às próprias vítimas a responsabilidade pelo crime, enquanto única solução para o conflito “existencial” da filha. Mas é sabido também que de uma ou outra forma a situação poderia ser contornada ou melhor evitada, porém Suzane pecou juntos aos seus parceiros de trabalho devido ao excesso de confiança, além de não ter sido madura o suficiente e menos ainda sabia em escolher a boa parte.

Para Gonçalves (2007, p.3), “a tese suscitada por nós não é amor a Daniel Cravinhos, mas sim a falta de amor de Suzane para com seus pais [...]” que justifica suas atitudes condenáveis e reprováveis pela sociedade. Esta “simples” colocação abre um leque de possibilidades reflexivas que remetem à formação do ser humano, aos valores morais e éticos importantes para a vida em sociedade.

Inicialmente é inconcebível admitir que tirar a vida de outrem seja a melhor solução para os problemas, perante uma sociedade que se pretende civilizada.

O segundo argumento que se nega enquanto justificável remete a incompatibilidade gerada pelo sentimento de amor e prática de violência ocupando um mesmo espaço, uma vez que ambos são excludentes. Fica, portanto a interrogação do que se entende por amor e que tipo de amor é esse.

O terceiro aspecto que exige cuidado é conhecer minimamente o que se passa na mente de um sujeito que planeja e executa a morte do seu semelhante, ainda mais quando estes são seus progenitores. Certo que pode ter havido uma falha na educação da filha Suzane e tenham deixado a desejar no quesito convivência social.

Segundo Freud ao abordar as questões de consciente e inconsciente humano diz que

> [...] as crianças pequenas são amorais e não sentem inibição para seguir os seus impulsos. Os pais representam o poder externo do controle, [...] o superego é simplesmente uma versão internalizada dos limites externos. O superego assume, então, a função, o poder e até mesmo os métodos do agenciamento parental. (OSBORNE, 2001, p.117).

Onde se observa a importância da intervenção dos pais na formação dos filhos, afinal limites são importantes à vida em sociedade, do contrário incorre-se no perigo de reforço de comportamentos agressivos e desviantes.

Seria plausível neste momento o trocadilho “nem Freud explica” quando se pensa no gesto inconseqüente de Suzane, ao mencionar acerca da ação do superego (ou consciência) sobre o individuo, onde este “[...] se sente ameaçado de ser punido por causa de uma transgressão moral” (OSBORNE, 2001, p.119). Para a referida jovem é como se nada disso a atingisse, dada sua indiferença e frieza para com toda a situação provocada e o que estava por vir em sua vida, como a privação de liberdade acompanhada de ‘residência’ estabelecida num espaço prisional.

3.1.1.2 Perfil Criminoso: Suzane e Arquétipo da Mente Perigosa

Ter ou não ter peso na consciência, eis a questão... Para alguns é certo que o remorso, o arrependimento e a capacidade de colocar-se no lugar do outro constituem a natureza humana. Entretanto para Silva (2008) nem todas as pessoas são boas por natureza dado que considera a importância de estarmos alerta com relação a certos tipos que circulam em nosso meio. Assim busca esclarecer que a premissa de que o “homem é bom por natureza”, merece maior cuidado, uma vez que nem sempre pode ser considerada verdadeira.

A fim de acompanhar o raciocínio de Silva (2008) faz-se necessário abrir um parêntese acerca do que se entende por consciência, segundo a autora enquanto compromisso e preocupação com o outro, onde se percebe

> [...] um senso de responsabilidade e generosidade baseado em vínculos emocionais, da extrema nobreza, com outras criaturas (animais, seres humanos) ou até mesmo com a humanidade e o universo como um todo. É uma espécie de entidade invisível, que possui vida própria e que independe da nossa razão. É a voz secreta da alma, que habita em nosso interior e que nos orienta para o caminho do bem (SILVA, 2008, p.27).

Silva coloca ainda que

> [...] a consciência está profundamente alicerçada em nossa habilidade de amar, em criar vínculos afetivos e nos abastecer dos mais nobres sentimentos, ela nos faz subjetivamente únicos, porém integrados e sincrônicos com o todo maior e transcendente (tenha ele o nome que tiver, nos diversos povos ao redor do mundo) (SILVA, 2008, p.30).

Sentimentos esses que por certo não compõem a personalidade de Suzane, antes a caracteriza como uma pessoa dissimulada, além de "[...] fria, calculista e impetuosa", conforme se observou no momento em que Suzane recebera a notícia da morte dos pais e que teria autorização para visitar o local do crime.

Diante do quadro que os aguardava era de se esperar alguma reações de desespero da parte dos parentes direto das vítimas, contudo a cena que se apresentou diante dos olhos de Casoy e companhia foi a descrita logo mais:

> Daniel voltou para onde estavam Suzane e Andréas, abraçou os dois, abaixaram a cabeça e cochicharam. Boto prendeu o ar. Aquela era a chora... E na da aconteceu. Nenhum grito, nenhuma lágrima derramada, nenhuma tentativa de entrar na casa, nenhum choro contido [...] (CASOY, 2006, p.25)

Para maior surpresa dos que se encontravam enquanto espectadores daquela cena de indiferença, não surpreenderia que ocorresse a seguinte indagação, de Suzane para o policial que acompanhava, os suspeitos e parentes das vítimas:

> __ E o que a gente faz agora?

Como bem coloca Casoy (2006, p.25), aquela foi nada mais que uma pergunta de ordem prática, mais que inesperada, a saber que geralmente “[...] pessoas em choque são incapazes de qualquer raciocínio prático, qualquer reação”.

Diante disso a pergunta que se faz em menos de uma linha é: O que mudou?. Linhares procura responder afirmando que “Certamente a temporada na cadeia, o isolamento dos amigos, o repúdio dos familiares e um eventual remorso tiveram efeito suavizante sobre a personalidade da jovem recém-saída da adolescência” (p....).

Com relação à rotina, pode-se notar que a mudança foi aterradora, em termos de moradia após sua saída da prisão, estudos, contato com as amigas, e inclusive o irmão Andréas, conforme nota da Revista Veja em reportagem de Linhares (ano, p.)

> [...] Passa o dia trancada em casa. Pela manhã, ajuda a arrumar as camas e preparar o almoço. À tarde, assiste a TV – desenhos animados são seus programas preferidos – e brinca com os seis pássaros que a família que a hospeda cria soltos no apartamento. Vê novela, lava a louça do jantar e vai dormir. Por receio de que vizinhos protestem contra a sua presença no prédio – o que já chegou a acontecer há algum tempo –, seus protetores, que pedem que não sejam identificados, tratam o assunto quase que como um segredo. Nenhum dos membros da família a chama nem mesmo pelo apelido: "Su" virou "Rê". Nas poucas vezes em que deixa o apartamento, Suzane usa as escadas, em vez do elevador. O temor de ser "descoberta" é tanto que ela afirma não sair nem à janela. "Tenho medo de que eles queiram que eu vá embora daqui".
>
> [...] abandonou os estudos, o cabelo longo e boa parte da vaidade.
>
> [...] não tem mais contato com suas Andreas amigas.
>
> Quanto ao irmão [...], hoje com 19 anos, a relação é tensa. Desde que os pais foram mortos, Andreas passou a morar com um tio, irmão de sua mãe. Ele chegou a visitar Suzane na cadeia algumas vezes, mas hoje os dois não se vêem mais.

Em entrevista os advogados de defesa de Suzane, afirmam que ela “tem pavor de voltar à cadeia”, explicando que uma das razões que faz aumentar esse medo é a experiência que teve na penitenciaria em que esteve retida, quando numa rebelião, um grupo de presas tentou matá-la.

> Fala baixo e com voz infantil. Ao responder às perguntas, escondia o rosto atrás dos cabelos, mirava o chão e lançava olhadelas indagativas para seus advogados. Claramente foi instruída por eles para fazer o tipo frágil e desassistida.

> [...] tenta convencer seus interlocutores de que é uma menina perturbada – e que foi essa condição que a fez, em 2002, abrir a porta de casa para que o então namorado, Daniel Cravinhos, acompanhado do irmão, Cristian, entrasse no quarto de seus pais e os assassinasse a golpes de barras de ferro. (grifos meus).

Contraditoriamente referimo-nos a esse medo sentido por Suzane, quando se tem conhecimento de que trata-se de uma participante de assassinato, que em principio fora condenada à 40 anos de prisão e responde "[...] por duplo homicídio triplamente qualificado, o que, neste caso, significa: motivo torpe, meio cruel e impossibilidade de defesa da vítima [...]".

É neste sentido que o termo consciência confere ares de nobreza, àquele que a possui e expressa já que é caracterizado enquanto sentimento, e acontece a partir de um tipo de inquietude mental que mobiliza a reflexão e capacidade de colocar-se no lugar do outro. Silva (2008) por sua vez chama-nos a realidade ao afirmar que embora seja "[...] difícil de acreditar, mas algumas pessoas nunca experimentaram ou jamais experimentarão a inquietude mental, ou o menor sentimento de culpa ou remorso por desapontar, magoar, enganar ou até mesmo tirar a vida de alguém" (id, p.35). Se enquadra a este grupo aqueles que são reconhecidos como psicopatas, que segundo ela "[...] vivem entre nós, parecem fisicamente conosco, mas são desprovidos deste sentido tão especial: a consciência" (id).

Curiosamente, ao que parece em nenhum momento Suzane expressou arrependimento diante do que fez, a não ser a frieza e ausência de sentimento de remorso, evidenciado ao longo dos seus depoimentos. Longe de ser tendencioso, mas há que se convir e em certa medida concordar com Silva (2008) ao retratar que fica evidente que a consciência de que faz menção não integra a formação humana desta jovem, como se esta fosse desprovida de sentimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das colocações e percepções sobre o caso Richthofen o que se nota é o cuidado de se incorrer em julgamentos de valor desprovidos de comprovação, já que o que se passava na mente de Suzane ao bolar uma vingança contra os pais, dada as possíveis razões para tal prática, não passará de conjeturas contanto que as palavras saiam 'espontaneamente' da ré confessa.

Longe de fazer apologia à banalização da violência, visto que esta fora inclusive criticada no início do presente trabalho. Porém não deixa de incomodar o fato de conhecer as razões "Por que esse crime específico ganhou essa proporção de divulgação pela mídia?", questiona Casoy (2006, 11), tendo em vista que parricídio e matricídio ocorrem vez por outra em nossos país.

A resposta segundo Casoy (2006, p.11) possivelmente estaria ligada a posição social ocupada por Suzane junto à família e aos grupos em que freqüentava, além do que possui "[...] aparentemente ao menos, o perfil clássico da filha que todos gostaríamos de ter. Loira, bonita, estudante de Direito, boa aluna, culta, trilingue, filha de pais bem-sucedidos".

Buscar evidenciar as razões, minimamente plausíveis, que favoreceram o plano maligno de retirar a vida de outrem, ainda mais quando este se materializa na figura paterna e materna, tem sido a proposta de Ilana ao acompanhar as investigações que encaminhariam aos tramites do julgamento de Suzane em particular.

Como descrito no primeiro capítulo a família, o indivíduo e o meio são fatores que exercem grande influência sobre o comportamento violento do ser humano. Porém ao que tudo indica Suzane convivia em um meio familiar consideravelmente sadio, não fosse algumas situações de desentendimento entre os pais que presenciara - recordações mencionadas por ela no depoimento.

Contudo, desavença entre casais não se configuram enquanto motivo real que justifique seu comportamento. Poderia sim a menos que as cenas de desentendimentos presenciadas por ela fossem contínuas, o que não era o caso, segundo posterior depoimento de conhecidos da família e dos próprios filhos - Suzane e Andréas.

No que diz respeito à situação socioeconômica da família, não há quase o que se dizer, além de que,

> [...] Manfred e Marisia von Richthofen eram pais que queriam dar do bom e do melhor para os filhos, que faziam as mesmas intervenções que nós, que aplicavam os mesmos limites que a maioria, que foram contra um namoro adolescente, como é tão comum acontecer vida a fora.

Diante das colocações acima não há em que discordar de Casoy sobre a referida história provocar calafrios, visto que, se o exemplo se torne prática quando em casos de resistência ou reprovação acerca de dado comportamento dos pais sobre seus filhos.

Conforme apontado logo acima, Suzane fazia parte de uma família de classe média alta, que configura-se como um exemplo clássico que vem mais uma vez desconstruir a idéia de que a violência é característica dos meios sociais menos abastados, a saber que no caso da suspeita dinheiro não representava exatamente um problema.

Acerca do temperamento de Suzane até então não havia sido posto em dúvida, pois tratava-se segundo os colegas de uma pessoa tranqüila, casos de agressividade resultante da baixa tolerância à frustração, antes apresentava um bom relacionamento com seus pares.

O que ainda admira é que em entrevista Suzane tenha declarado abertamente um amor verdadeiro com relação aos pais, o que não deixa de ser extremamente contraditório, pois desconhece-se que “Quem ama mata”.

Repensar o conteúdo do quinto mandamento bíblico – honra ao teu pai e a tua mãe, não havia repercutido tanto na mídia como a partir do caso Richthofen. Mas como se fez saber em momentos atrás nada justifica a crueldade da jovem para com os pais, a vida em sociedade exige limites, e estes devem ser levados em conta, ao que ainda se soma o ditado de quem nem sempre o crime compensa, isto sem considerar que a violência nunca será justificável para aqueles que buscam uma vida de saúde coletiva e que respeita o próximo.

Tecer idéias e possibilidades permitiu-nos uma aproximação e envolvimento direto com o que não se pode provar ao certo, mas o distanciamento possibilita um campo de visão maior sobre o que se pretende evidenciar, sem cair em opiniões deterministas e infundadas, por entender que de fantasias basta as que compõe o imaginário das pessoas, ainda mais quando se está cara a cara com casos antes nunca imagináveis.

E para o pesquisador estes riscos são ainda maiores daí o distanciamento e clareza das idéias para que as pontuações e determinações sejam as mais acertadas possíveis.

Afinal a violência deve ser combatida com humanização. É preciso ser humano para reconhecer que o outro tem os mesmos direitos que temos. Ser humano é considerar que estamos aqui de passagem com o objetivo maior de favorecer a melhor qualidade de vida de nosso próximo.

Como se observou ao longo do estudo não há portanto provas concretas de que Suzane apresente distúrbios de personalidade antisocial, apenas traçar conjecturas, embora não se possa de tudo negar que há grandes evidências que a inserem nesse quadro, tais como QI elevado que de pronto, frieza, calculista, dissimulados, e sedutora.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Rafael Damaceno de. OLIVA, Isabella Zuba de. **A violência e a segurança pública**. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, 38, 28/02/2007 [Internet]. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=3300>. Acesso em: 27 jul 2010.

ANDRADE, Renato Cardoso de Almeida. **A banalização da violência e o espetáculo do crime**. Disponível em: <http://www.parana-online.com.br/canal/direito-ejustica/news/243016/?noticia=a+banalizacao+da+violencia+e+o+espetaculo+do+crimeartigos>. Acesso em: 03 dez 2009.

ARAÚJO, Cláudia. **Enfrentamento ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.** Sistema único de Saúde – SUS, BRASIL. 2004.

BALLONE, G. J. **Violência e Agressão da criança, do adolescente e do jovem**. Disponível em: <www.psiqweb.med.br>. 2004. Acessado em: 16 jul 2010.

BATISTA, Angelina **A violência: ensaio acerca do "homo violens"** Interface - Comunic, Saúde, Educ 5. UNESP/Botucatu: Ago 1999, p. 169-172.

CASOY, Ilana. **O quinto mandamento: caso de polícia**. São Paulo: Arx, 2006.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Tradução do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GONÇALVES, Antonio Baptista. **A contagem regressiva para Suzane von Richtofen**. 2007. Disponível em: < http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2760/A-contagem-regressiva-para-Suzane-Von-Richthofen?src=busca_referer. Acessado em: 03 dez 2009.

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. **Eros de muletas: reflexões sobre amoralidade e psicopatia.** Coleção Primaveri. Local de publicação: Corsária, 1980.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner e CAMPBELL, John B. **Teorias da Personalidade**. 4ª Edição. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

HEGENBERG, Mauro. Lugar do dignóstico na Psicoterapia breve. In: **Psicpterapia breve.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

HOLTZ, Maria Luiza Marins. **Violência – Agressividade – Por que?** 2007. Retirado do site: http://www.mh.etc.br/blog/relacoes-humanas/48 Acessado em: 15 de jul de 2010.

INNES, Brian. **Perfil de uma mente criminosa: como o perfil psicológico ajuda a resolver crimes da vida real**. Tradução Exacta. São Paulo: Editora Escala, 2009.

LAPLANCHE, J; PONTAHS, J.B. **Dicionário de psicanálise**. Barcelona: Editorial Labor, 1981.

NICOLETTI, Sergio J. Agressividade, violência aprendida e suas dimensões escondidas. **Jornal Boa Semana**. p. 9. Disponível em: <http://proex.epm.br/campubli/pdf/agressividade_violencia.pdf>. Acessado em 15 jul de 2010.

MOREIRA, Ana Cleide Guedes. et al. **Quem tem medo do lobo mau?Juventude, agressividade e violência**. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund*., São Paulo, v. 12, n. 4, p. 677-697, dez 2009. Retirado do site: Acessado em: 15 jul 2010.

MOREIRA, Renata da Rocha; FARIAS, Risolete Gesta. **O Crime Enquanto Conduta do Possível Sociopata: Uma Analise Comparativa dos Principais Aspectos Biopsicossociais**. 2002. Universidade da Amazônia. Belém-Pa. p. 48. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/CRIME_CONDUTA_POSSIVEL_SOCIOPATA.pdf>. Acessado em: 20 out 2010.

OLIVEIRA, José Aremilton Alves de. **Da agressividade à violência: um estudo de caso sobre a tendência antissocial na conduta da criança.** Polêmica, v. 9, n. 2, p. 45 – 57, abril/junho 2010.

OLIVEIRA, Mariana Sales Bacha. O conceito das estruturas clínicas neurose e psicose para a psicanálise. **Revista Científca do HCE**, 2004. Ano 3. n.2, p. 115-122.

PHILIPPI, Jeanine Nicolazzi. **A natureza da violência uma abordagem crítica**. REVISTA N.º 33, Ano 17, dezembro de 1996 - p. 156-168. Disponível em: <www. file:////Platao/www/arquivos/RevistasCCJ/Seque...tureza_da_violencia_uma_abordagem_critica.html>. Acesso em: 20 jul 2010.

QUEIROZ, Lílian Rodrigues; LOURENÇO, Lélio Moura. **As visões das correntes ambientalistas e inatistas no estudo da violência e da criminalidade dos jovens: uma perspectiva da psicologia**. Virtú (UFJF), p. 01-13, 2007.

QUILES, Manuel. A grande divisão neurose psicose. In: **Neuroses**. 2 ed. Sao Paulo: Ática, 1986.

SABBATINI, Renato M.E. O Cérebro do Psicopata. **Revista "Cérebro & Mente".** Universidade Estadual de Campinas: 1998. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n07/doencas/disease.htm>. Acessado em: 15 out 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

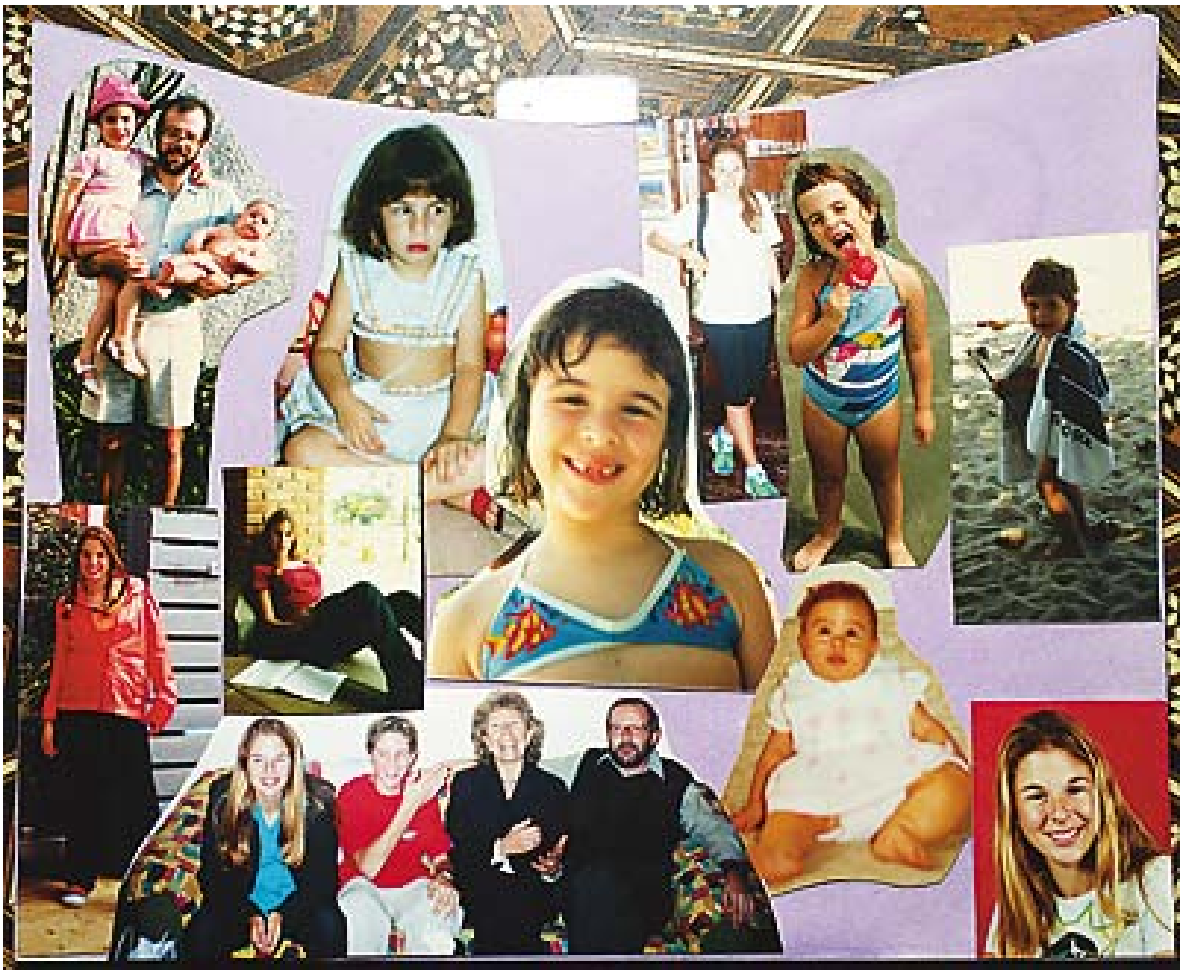
SOIFER, Raquel. **Psiquiatria infantil operativa: psicologia evolutiva e psicopatologia.** 3.ed. rev. e aum. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

VILHENA, Junia de. MAIA, Maria Vitória. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea. **Revista Mal-Estar e Subjetividade.** Fortaleza: vol II, nº 2, p. 27-58, set. 2002.

ZIMERMAN, David E. **Psicanálise em perguntas e respostas verdades, mitos e tabus**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ANEXO

Anexo 01



Suzane: pôster de momentos felizes junto a família

Anexo 02

Suzane: chorando no momento do enterro dos pais

Anexo 03

Suzane: enterro dos pais

Anexo 04

Simulação: momento em que Suzane chega em casa, momentos antes do crime

ANEXO 05

Simulação: Suzane cruzando a área da piscina

Anexo 06

Simulação: Suzane entrando na casa, momentos antes do crime

Anexo 07

Simulação: momento em que Suzane faz sinal
para que os criminosos pudessem invadir o quarto dos pais.

Anexo 08

Simulação: Suzane aguardando que o crime fosse concluído